

Mais que uma associação, um organismo de formação de professores de música

Por Sonia Regina Albano de Lima

É gratificante pensarmos na ASSOCIAÇÃO ORFF BRASIL – ABRAORFF como uma entidade que contribui, com esmero, para a capacitação de profissionais na área de educação musical. Há quatro anos, a associação, em parceria com a direção da Faculdade de Música Carlos Gomes, tem promovido cursos de extensão e capacitação de altíssima qualidade, por meio de oficinas e mini-cursos com professores nacionais e estrangeiros. Todos esses profissionais – muitos deles graduados no Instituto Orff da Universidade Mozarteum de Salzburgo – adotam a abordagem Orff como modelo de trabalho docente.

Com infraestrutura invejável, generosamente cedida pelo Colégio Santo Américo, o espaço onde são realizados os cursos conta com atendimento pessoal diferenciado, propiciando aos inscritos, além de estadia e alimentação, a possibilidade de aquisição de material pedagógico inovador. Essa iniciativa do colégio permite ainda a continuidade das atividades da associação, nas reuniões periódicas de seus membros diretores e associados, que foram agraciados com o direito de utilizarem parte de suas dependências como sede.

Desenvolvidos pela ABRAORFF, com carga horária que varia entre 60 e 120 horas, os cursos internacionais já abordaram temáticas como, por exemplo, ações de implantação de música na escola, o movimento na educação, a prática musical integrada e a prática das danças renascentistas. Assim, do primeiro Curso Internacional Orff-Schulwerk no Brasil, ocorrido em 2005, que contou com 57 inscritos, chegamos, este ano, a sua quinta edição, com 156 participantes. Um aumento significativo na procura pelo curso, representando, mais uma vez, sua excelência e solidez.

Por ele passam, na qualidade de palestrantes, nomes importantíssimos do cenário pedagógico-musical, responsáveis pela formação de professores generalistas, estudantes de música de um modo geral, licenciados ou bacharéis da disciplina, compositores, arte-terapeutas, enfim, um universo que faz do ensino musical uma forma prazerosa, mas também responsável, de contribuir para a construção de um mundo mais sadio, com indivíduos melhor integrados.

Para 2011, a diretoria da ABRAORFF espera dar continuidade a esse trabalho musical junto à comunidade. E a Faculdade de Música Carlos Gomes pretende

ampliar a sua participação, apoiando cada vez mais essa importante organização.

Sônia Regina Albano de Lima é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; diretora e coordenadora pedagógica dos cursos de graduação e pós-graduação lato sensu em Música e Educação Musical da Faculdade de Música Carlos Gomes, em São Paulo; e professora da Pós-Graduação em Música do IA-UNESP. Possui publicações na área de Educação Musical e Performance



Destaque da importância da ABRAORFF na formação de educadores de música

Partitura

▶ O cânone "Saudade" foi elaborado no I Curso Internacional Orff-Schulwerk no Brasil, em 2005, nas aulas da professora Verena Maschat.

Saudade

Cânone
Elisabeth Sertório, Laura Longo, Mirella Jacob,
Eduardo Rodrigues, Yara Nunes, Suzana Calixtre,
Regina Vertamatti, Renata Frederico

Voz

O-lhos da cor do céu, o-lham pa-ra.o.a-lém,

Reco-Reco
Bater/Raspar

co - mo qui - ses-sem lem-brar do o - lhar de quem quer tão bem.



Entrevista



A professora Elenice Lobo, diretora pedagógica do Colégio Santo Américo, fala da importância da música no contexto pedagógico e sua posição na cultura geral e acadêmica atual

▶ Página 6.

Artigo



Maristela de Oliveira Mosca escreve sobre sua vivência em sala de aula a partir da atividade de musicalização da fábula *O velho, o menino e o burro*, de La Fontaine

▶ Na página 6.

Artigo



Sônia Albano de Lima faz um relato de sua relação com a ABRAORFF e destaca a importância da entidade como formadora de profissionais da área de musicalização infantil

▶ Na página 7.



Colégio Santo Américo: O grande parceiro da ABRAORFF na Música e Movimento na Educação

Fundado há 58 anos por monges beneditinos húngaros e um dos maiores centros de excelência educacional do país, o Colégio Santo Américo tem entre as características que o diferenciam um destaque para o aprendizado da música. Muito por influência da cultura centro-europeia, que tradicionalmente prioriza a educação artística, sobretudo a musical.

E não há como falar de música no Santo Américo sem falar de Dom Gabriel Iróffy, reitor emérito do Colégio e responsável pelas diretrizes do

departamento de música, juntamente com a professora Elisabeth Sertório. Criador de inúmeros projetos e responsável pelo ensino musical de gerações de alunos, o religioso concedeu uma entrevista ao Jornal da ABRAORFF, onde conta sua experiência como educador e o seu ponto-de-vista em relação à disciplina de música.

Confira a entrevista com D. Gabriel nas páginas 4 e 5, e muito mais: notícias, artigos e entrevistas com professores e profissionais da área de música e educação musical infantil.

Chegamos à quarta edição do Jornal da ABRAORFF, o que significa que há quatro anos nos propusemos a oferecer a você, associado, um espaço de informação e serviço, que contribuísse de alguma forma para o complemento de sua formação profissional e também pessoal, por meio dos depoimentos, artigos, matérias e notícias que publicamos. É pensando em você que elaboramos este conteúdo – e esperamos, com isso, realmente estar atingindo nossos objetivos.

E por acreditar no quanto pudemos fazer até agora em prol da formação de professores e, indiretamente, de inúmeras crianças que se beneficiam do ensino de música, esta quarta edição presta uma homenagem ao Colégio Santo Américo, e em particular ao seu reitor emérito Dom Gabriel Iróffy, por sempre ter apoiado as iniciativas da Associação Orff Brasil, não apenas cedendo o espaço físico e infraestrutura necessários para nossos encontros e cursos,

nacionais e internacionais, mas, principalmente, por acreditar na importância do trabalho desenvolvido pela associação, em sua busca pela divulgação e propagação da Orff-Schulwerk.

Elisabeth Peissner Sertório
Presidente da ABRAORFF



Jornal da ABRAORFF

Ano 4 Edição nº 4 Dezembro 2009
Jornal da ABRAORFF é uma publicação anual da Associação Orff Brasil.

Presidente:
Elisabeth Peissner Sertório

Coordenação Geral:
Gabriela Vasconcelos Abdalla

Coordenação Editorial:
Virginia Florenzano - MTb 31.584

Design e produção gráfica:
Jayro Mazzi Junior - Vintage Marketing

Fotografias:
Arquivo ABRAORFF e CSA

Impressão: **Tom Artes Gráficas** Tiragem: **2000 exemplares**

Website: **www.abraorff.org.br** E-mail: **inf@abraorff.org.br**

Apoio:
Colégio Santo Américo

Proibida a reprodução total e/ou parcial desta publicação. As matérias publicadas nesta edição são de responsabilidade total da Associação Orff Brasil.



Este jornal foi impresso em papel reciclado

O canto, a dança e o lúdico como ferramentas de aprendizado

Por **Gabriela Vasconcelos**

“Pelos Caminhos da América Latina e Caribe” foi o tema escolhido pelos Colégios Jesuítas da Província do Brasil Centro-Leste para a quinta edição da Bial de Artes dos colégios jesuítas.

Colegas de todos os segmentos e alunos mergulhamos num universo cultural com uma rica oportunidade para trabalhar histórias, artesanato, teatro, costumes, música e movimento em sala de aula. Mas a questão principal, que permeou todos os trabalhos, foi “como trabalhar música e movimento”, tendo como base o tema definido para este ano.

Cada professor na sua área específica construiu com seus alunos e colegas uma verdadeira viagem pela América Latina, enriquecendo e transformando a cultura de todos os participantes. Fizemos, por exemplo, nossos alunos cantarem, dançarem e brincarem com elementos da cultura de diversos países. Naturalmente, as crianças puderam perceber as similaridades entre os diferentes repertórios escolhidos e o seu próprio repertório brasileiro.

Como material de apoio para as atividades que elaborei, retirados de diversas fontes, na área de áudio foram utilizados os CDs *Ruidos y Ruiditos*, de Judith Akoschky, *Le chant des enfants du monde*, de Francis Corpataux, além de grupos latino-americanos tradicionais e populares, como Paquito d’Rivera e Buena Vista Social Club, entre outros. Da literatura, escolhemos *Danzas del Mundo 1 e 2*, de Ángel Zamora, além de materiais coletados em diversos cursos, na internet e, especialmente, do livro *¡Quién Canta Su Mal Espanta!* (Schott, Nova Iorque, 2006), de Sofia Lopes-Ibor e Verena Maschat, que traz músicas, jogos e danças da América Latina.

Outro momento de destaque foi a gravação de um material produzido pelos alunos. Após quase dois meses de ensaios, escolhemos uma música por turma para gravar em vídeo, com a colaboração da equipe do Colégio São Luís, que reservou uma semana para as gravações. O material foi editado para ser apresentado durante o evento e distribuído entre os alunos.



Todos juntos tivemos a oportunidade de vivenciar a música por meio do canto, da dança e das brincadeiras populares da cultura latino-americana. Além de aprender muito sobre a cultura do nosso continente, esse exercício possibilitou às crianças conhecer e respeitar a cultura de outros povos e a sua própria identidade cultural brasileira.

Gabriela Vasconcelos Abdalla é vice-presidente da ABRAORFF, educadora nos colégios São Luís e Ofélia Fonseca, além de coordenadora dos cursos de musicalização na NUMA - Núcleo de Música Aplicada.

Aprender música fazendo música

Por **Maristela de Oliveira Mosca**

Enquanto educadores musicais estamos sempre às voltas com métodos ou estratégias de ensino da música, deixando o processo pedagógico e a vivência musical muitas vezes de lado. E, nesta busca incessante, nos encontramos em comunhão com o Orff-Schulwerk. Basicamente, por não se tratar de um método e ser, entre outras conceituações, um processo de autoformação do educador, já que somos conclamados a vivenciar música com nossos educandos, e sentirmo-nos cada vez mais próximos de nossa musicalidade e expressão criativa. Essa é a chave para um processo educacional significativo.

Cito aqui o exemplo de uma atividade em que um grupo de alunos teve de compor uma música para a fábula de La Fontaine *O velho, o menino e o burro*. Enquanto os educandos divertiam-se com a narrativa, criavam esquemas mentais de dramatização, música e movimento. Corporalizando a

fábula, foram criados movimentos corporais e sonoridades percussivas para cada quadro da história, no trilhar do velho e seu neto, com o burro, a caminho da vila onde o animal seria vendido.

No processo musical, o grupo vinha trabalhando até então com o modo pentatônico. Compondo a música para a fábula, utilizamos como tema uma pequena melodia – *Sleep, baby, sleep*. A partir dessa melodia, evoluímos para a escala hexatônica, obtendo um semitom,



Alunos, em sala de aula, durante a atividade: fazendo e aprendendo música

e definimos a melodia como o interlúdio entre os quadros da fábula. Uma segunda parte para a nossa música promoveu uma nova construção melódica, ao final da qual partimos para a criação dos acompanhamentos nos instrumentos de lâmina, encontrando sonoridades e ritmos que se entrelaçavam com a melodia, criando um clima propício para a narrativa.

Apoiados no Schulwerk percebemos, a partir dessa experiência, que aprendemos música não porque repetimos exercícios ou já sabemos sobre estruturação musical ou técnica instrumental. Aprendemos música pelo emocionar-se contido no processo de vivência musical. Aprendemos música porque fazemos música.

Maristela Mosca é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); professora certificada pelo The San Francisco Orff Course; e professora da Escola Viva Natal (RN). Para ter acesso à íntegra deste artigo, escreva para maristelamosca@gmail.com

Nesta edição, cujo o foco é o Colégio Santo Américo e sua profunda relação com a música, a professora Elenice Zogbi Lobo, diretora pedagógica do colégio, nos concedeu a seguinte entrevista, onde fala dos aspectos acadêmicos da disciplina, sua importância no desenvolvimento infanto-juvenil e atual posição no cenário sócio-cultural brasileiro.

ABRAORFF - Qual a importância da música no desenvolvimento pedagógico? Você acredita que exista de fato essa relação?

Elenice Lobo - Com certeza. Em primeiro lugar, tem a questão da concentração. Então, o aluno, para aprender música, para tocar um instrumento, desenvolve muito a concentração, que é uma habilidade importante para o aproveitamento pedagógico. E a própria estrutura musical também contribui muito. Há estudos, que dizem, por exemplo, que o desenvolvimento do pensamento espacial da criança é muito influenciado pela música. Fora isso, eu acho que uma das grandes coisas que a música te dá é um mundo próprio. Ela te traz a possibilidade de adentrar um mundo seu, até para ter a tranquilidade para fazer outras coisas, como estudar, por exemplo, independente da vida social – onde, aliás, a música também exerce um papel fundamental. Por isso, destacaria a questão cultural. É legal você reconhecer um músico que marcou sua época, ou influenciou toda a história da música, assim como os diversos escritores, diretores de cinema, e os grandes artistas de um modo geral. Então, eu acredito que como a música também desperta essa sensibilidade artística, no final, ela te faz, no mínimo, uma pessoa mais interessante de conversar.

ABRAORFF - Qual o papel da música na pedagogia do Colégio Santo Américo? Desde quando existe o ensino de música na instituição? Esse ensino sofreu, ao longo dos anos, alguma transformação em virtude da importância que o Colégio credita a ele?

Elenice Lobo - Acredito que de todos os colégios do mesmo nível que o Santo Américo, eu não

saberia dizer um outro onde a música ocupe lugar tão nobre. Desde que eu entrei, e eu estou aqui há 20 anos, a música tem esse lugar. Sofreu alguma alteração? Sofreu, porque toda a pedagogia é aprimorada. Então, obviamente, ela não é trabalhada hoje como era quando eu entrei, mas teve um sentido de aprimoramento. E eu acho que isso se deve ao fato de os padres fundadores serem de origem húngara, que é um povo que dá muita importância a tudo isso. Então, a música acontece na matriz curricular desde que a criança entra.

ABRAORFF - Quais atividades de música você enfatizaria e por quê?

Elenice Lobo - Nas séries iniciais, o ritmo trabalha todas as noções, como lateralidade, coordenação motora, coordenação motora fina etc. Por isso a música é tão importante nesse período. É impressionante a diferença de desempenho entre as crianças que aprenderam música e as que não aprenderam, inclusive no aspecto pedagógico. Outro exemplo são as cantigas de roda, que ajudam muito na alfabetização, porque com elas você trabalha toda a sintaxe da língua.

ABRAORFF - E para os que não estão mais no Ensino Fundamental?

Elenice Lobo - Aí entra também a concentração, o desenvolvimento da atenção e um pouco de instrumentalização. Vários alunos aqui desenvolvem o gosto pela música e já querem tocar um instrumento fora da programação curricular, formar uma banda etc. As atividades acabam incentivando para a produção de música, aí voltamos a questão da formação cultural.

ABRAORFF - Você acredita que, em termos pedagógicos, o Brasil demonstra um certo atraso na questão do ensino de música? Essa seria de fato uma falta educacional?

Elenice Lobo - É uma falta e não há música. Tanto que nas escolas públicas está começando agora uma iniciativa do MEC, tentando implementar a obrigatoriedade de música nas séries iniciais. Como eu te falei, é comprovado que faz falta. E a iniciativa do MEC prevê inclusive a formação para professores nessa área, já nos cursos de Pedagogia.



Na aula de música: diferenças positivas no desempenho pedagógico

ABRAORFF - Você pode fazer uma avaliação da questão pedagógica e de como suprir as faltas desse atual cenário?

Elenice Lobo - Os professores das séries iniciais, normalmente, não têm essa formação (em música). Então, mantemos no Colégio um departamento de música, com especialistas e estudiosos de música, que assumem essas aulas e têm como orientar os professores. Mas ainda são poucos os profissionais especializados no mercado.

ABRAORFF - A que você creditaria essa desvalorização do ensino de música nas escolas brasileiras?

Elenice Lobo - Eu não acho que houve a desvalorização, mas sim que nunca houve a valorização de fato. Em relação a países com uma história de música consistente, o Brasil talvez leve alguma desvantagem em termos de música clássica, música acadêmica, mas não em termos de musicalidade. Se isso for tratado academicamente, na escola – e ainda não é –, será possível tirar um grande proveito. E com a formalização do ensino de música esse é um mercado legal que surge, e pode vir a receber a devida valorização por parte da sociedade.

Um 2009 marcado pela música e pelo movimento



Encontro de educadores musicais durante IV Curso Internacional Orff-Schulwerk no Brasil, promovido pela ABRAORFF

Muita atividade, música e movimento. Essa foi a tônica do ano de 2009 para a Associação Orff Brasil - ABRAORFF.

Com grande sucesso, o grupo de estudos – encontro realizado sempre um domingo por mês – cresceu e teve um número ainda maior de participantes e associados, que utilizaram o espaço tanto para recordar vivências, quanto para partilhar novas experiências.



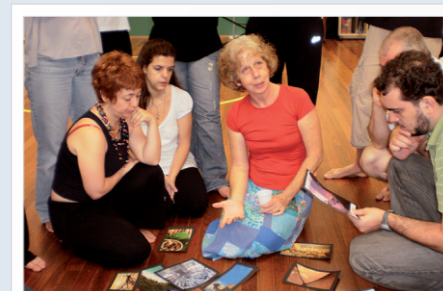
É preciso ressaltar que a ABRAORFF conta com o apoio cultural da Fundação Carl Orff, que é quem patrocina a vinda de professores ao Brasil para ministrarem os cursos internacionais. Ocorrido em janeiro, este ano tivemos a presença de Verena Maschat, especialista em movimento e dança de diversas culturas, e James Harding, músico clarinetista e professor da The San Francisco School, nos EUA, ambos focados em Orff-Schulwerk. Juntamente com os professores Helder Parente Pessoa e Fernando

Barba, (fundador do grupo de percussão corporal “Barbatuques”), o grupo de professores fez um trabalho maravilhoso com mais de 170 pessoas de todo o Brasil, para o desenvolvimento da música e do movimento no mais alto padrão de ensino. O curso aconteceu em Natal, com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e em São Paulo, com o apoio do Colégio Santo Américo e da Faculdade Carlos Gomes, e foi um enorme sucesso de público e conteúdo.

No segundo semestre, em setembro, o encontro mensal – sempre realizado no Colégio Santo Américo, em São Paulo – contou com a ilustre presença da etnomusicóloga Lydia Hortêlio (de branco, na foto abaixo), que ministrou a oficina “Cultura Tradicional da Infância”. Durante a atividade, Lydia falou sobre sua pesquisa dos traços que compõem a música da cultura da criança e o seu registro, evidenciando toda a diversidade e riqueza que compõe esse aspecto do universo infantil.



Outro destaque do mês de setembro foi a ampliação do grupo de estudos, que agora também passa a acontecer na cidade de Campinas. Para tanto, os novos encontros contarão com a colaboração de educadoras associadas, empenhadas na construção de mais um espaço que cultive a música e o movimento.



No mês de novembro foi a vez de Ana Yara Campos (no centro da foto acima) brindar associados e professores com a oficina “Quem tem uma ideia?”. Jornalista, pedagoga e musicista especializada em regência e arranjo de corais, Yara trabalhou, ao longo da atividade, voz, movimento, criação e poesia. Também em novembro, a ABRAORFF apoiou o VI Simpósio de Educação Musical Especial. Este ano, o tema foi “A criança com deficiência e o fazer musical”, que abordou questões como a estimulação precoce com música em crianças em situação de risco, a inclusão escolar e a legislação, além dos aspectos genéticos no desenvolvimento de crianças com deficiência.

Uma vida dedicada à educação musical

D. Gabriel Iróffy: uma vida dedicada à Educação Musical de gerações de alunos

“De todos os colégios do mesmo nível que o Santo Américo, eu não saberia dizer um outro onde a música ocupe lugar tão nobre.” Com essa frase, a professora Elenice Lobo, diretora pedagógica do Colégio Santo Américo, sintetiza a importância que a instituição, fundada há 58 anos por monges beneditinos húngaros e um dos maiores centros de excelência educacional do país, dá ao aprendizado de música. A influência da cultura centro-europeia, que tradicionalmente prioriza a educação artística, sobretudo a musical, explica parte dessa ênfase.

A outra parte dessa explicação tem

nome próprio: Dom Gabriel Iróffy, reitor emérito do colégio e diretor do Espaço Musical Eszterháza. Nesta edição, o Jornal da ABRAORFF presta a ele uma pequena homenagem. D. Gabriel veio da Hungria, seu país de origem, em 1952. A partir daí, trilhou uma longa trajetória de vida até hoje vinculada à Educação Musical. É a mãe, professora de piano, e ao avô compositor que D. Gabriel credits suas influências iniciais mais fortes no gosto e na atenção pela música.

Nesta entrevista, D. Gabriel comenta seu envolvimento com a música e com o departamento que

dirige, a importância da disciplina na organização geral da escola e os projetos que fazem do Colégio Santo Américo também um centro de excelência na formação de alunos e professores na área musical.

ABRAORFF - Gostaria que o senhor falasse um pouco de como foi seu início aqui. Qual a origem desse vínculo tão especial que o Colégio Santo Américo tem com a música?

D. Gabriel - Bem, reconheço que há muito tempo estou trabalhando aqui no colégio. Inclusive, desde a minha vinda para o Brasil, sempre me dediquei ao ensino no Colégio Santo Américo, que é uma escola

cujas tradições vêm da Europa Central. E um ponto característico é que a educação artística, e, antes de mais nada, a musical, tem um espaço grande nos nossos colégios e escolas. E o Santo Américo, então, procura ser fiel a essa convenção. Cheguei ao Brasil em 1952. Depois, trabalhei em vários setores, mas tive oportunidades maiores no campo da reitoria. De 1973 a 1995 fui reitor no colégio. E dei impulso à educação musical em várias áreas.

ABRAORFF - Como foi a sua influência e o seu envolvimento com a questão musical no Colégio?

D. Gabriel - Aumentei em duas e, em certos anos do primário, até três aulas semanais de educação musical, dentro da organização do colégio em geral. Fundamos um coral e criamos aulas de música como atividade extracurricular. Iniciamos esse formato por volta de

1994, com uma dúzia de alunos. Aí, expandimos essas atividades para as redondezas, para as classes menos favorecidas e criamos um projeto com a comunidade de Paraisópolis, reconhecida como uma área muito grande e carente. Além disso, fizemos uma associação com as instituições Carl Orff, da Áustria e da Alemanha e também temos contato com o método Kodály, o que habilitou o Colégio Santo Américo a promover hoje um grande número de cursos de adaptação, de aperfeiçoamento e até de pós-graduação, para professores de música e de arte no Brasil. Hoje, ao todo, reunindo o contingente de todas as atividades, contamos com mais de 900 alunos.

ABRAORFF - O que motivou a escolha da abordagem Orff?

D. Gabriel - Primeiro porque não se trata de um método pronto e sim de uma abordagem, de uma mentalidade, um jeito de pensar. A palavra “Schulwerk”, afinal de contas, quer dizer ‘um trabalho que, de alguma forma, começa com a educação, com a escola’. Orff foi o grande iniciador e possivelmente ele mesmo não percebeu toda a amplitude de seu trabalho, todo esse desenvolvimento multicultural, as danças e as brincadeiras dos alunos... Aquela imagem inicial, de que Orff desenvolveu uma orquestrinha infantil, já está totalmente ultrapassada. Sua abordagem representa um movimento amplo e bem acessível, enquanto as outras tendências têm contatos um pouco mais restritos. Nossa escolha entra um pouco nesse aspecto prático também.

ABRAORFF - Qual a expectativa do senhor frente a oportunidade que o colégio tem hoje, em virtude da parceria fechada com a entidade internacional?

D. Gabriel - Felizmente, os primeiros passos foram dados, estão consolidados, e já temos um calendário de outros cursos e outros professores visitantes convidados, para seguir as novidades, inclusive internacionalmente, do ensino de música. Queremos sim compartilhar as nossas experiências. Contribuímos na formação de muita gente na área de pedagogia musical, promovendo inclusive eventos culturais, como a vinda de um coral infanto-juvenil, de um de nossos colégios na Hungria, de excelente qualidade. Porque na Hungria, por razões políticas, as escolas religiosas católicas tiveram um período difícil. Mas com a volta da democracia, essa nossa escola se reorganizou e em poucos anos fundou esse coral maravilhoso. Foi uma turnê pelo interior de São Paulo, cidades históricas de Minas e Rio de Janeiro. Tivemos muito sucesso e chegamos à conclusão de que, com dedicação, em pouco tempo se pode realizar coisas excelentes.

ABRAORFF - O senhor diz em termos de projetos especiais ligados a música aqui no Brasil e à formação de alunos e professores de música?

D. Gabriel - Sim. Aqui, quase todo o fim-de-semana tem um grupo de professores, de troca de experiências e palestras. Destaco um de nossos projetos mais bem sucedidos: graças à Deus, sem falsa modéstia, o grande sucesso da nossa orquestra de sopros com jovens de Paraisópolis. Realmente, todo mundo fica deslumbrado, porque encontramos as pessoas certas para o lugar certo. Essa orquestra podemos de fato chamar “Orquestra Sinfônica de Sopros”. Talvez um pouco pretensioso, mas está nessa linha.

ABRAORFF - O senhor considera que a infraestrutura e a tradição do Colégio Santo Américo são fatores decisivos para viabilizar a realização do curso internacional Orff-Schulwerk e das demais atividades da ABRAORFF?

Dom Gabriel - Creio que sim, devido às amplas instalações, ao fornecimento de várias salas para diferentes necessidades e a possibilidade até de alojar pessoas quando necessário. Mais do que isso, gostamos muito desse trabalho, e sempre procuramos apoiá-lo. Gosto de citar o grande músico húngaro Zoltán Kodály. Para ele, a música é para todos, no sentido de que a criança tem o direito de receber uma formação musical. Como profissional de música, estou muito convencido disso.

ABRAORFF - Qual é o papel da educação musical infantil?

Dom Gabriel - A educação musical não pode ser só um detalhe: ela é parte integrante da educação da criança, pois é muito importante no processo da evolução psicossomática infantil. Quando falo de educação musical não estou pensando simplesmente em algumas aulas de música, e muito menos em aulas de música instrumental, mas em todo o processo. Todo o desenvolvimento da criança, da coordenação, da descoberta da voz, da descoberta do próprio corpo, de seus movimentos. Tudo isso é, para mim, competência da educação musical, da educação da criança. Existem muitos levantamentos sobre a utilidade e os benefícios do aprendizado de música, mas há algo que vai além: a própria evolução do corpo e da mente da criança pertence a essa ação da educação musical, essencial dos três aos cinco anos de idade. Já a especialização em um instrumento deve vir mais tarde, entre os nove e os dez anos.

ABRAORFF - Folclore versus brinquedo eletrônico: qual ganha o seu voto?

D. Gabriel - Muitos pesquisadores defendem que as antigas brincadeiras de criança têm mais valor educativo e artístico que os meios modernos – inclusive os eletrônicos. Absolutamente não sou contra os recursos eletrônicos; ao contrário, eu os uso frequentemente. Mas concordo com os estudiosos: uma cirandinha vale muito mais e as crianças adoram! Os brinquedos eletrônicos já invadiram a vida das crianças, mas num certo sentido tiram a sua mobilidade, porque muitas vezes tudo o que elas têm que fazer é apertar um botão. O folclore infantil é muito rico, e tem um valor humano universal.

ABRAORFF - O senhor é músico? Desenvolveu suas habilidades como compositor ou instrumentista?

D. Gabriel - Eu, quando criança, estudei piano, não tanto por vontade própria, mas da minha mãe... (risos) Mas com o tempo, me adaptei e gostei. Como ingressei no seminário e no mosteiro, e sou padre, também toquei órgão, embora não profissionalmente. Mas tenho conhecimentos. Depois, me interessei por vários instrumentos e, como qualquer indivíduo, tenho alguns instrumentos preferidos. Com uma certa limitação de movimentos, mais ou menos tive de parar com o piano e, curiosamente, comecei a tocar violão. Embora o violão também exija habilidade, naturalmente, e movimentações, no meu caso particular ainda dá para tocar violão e, praticamente, não dá mais para tocar piano. E gosto muito do violão clássico.